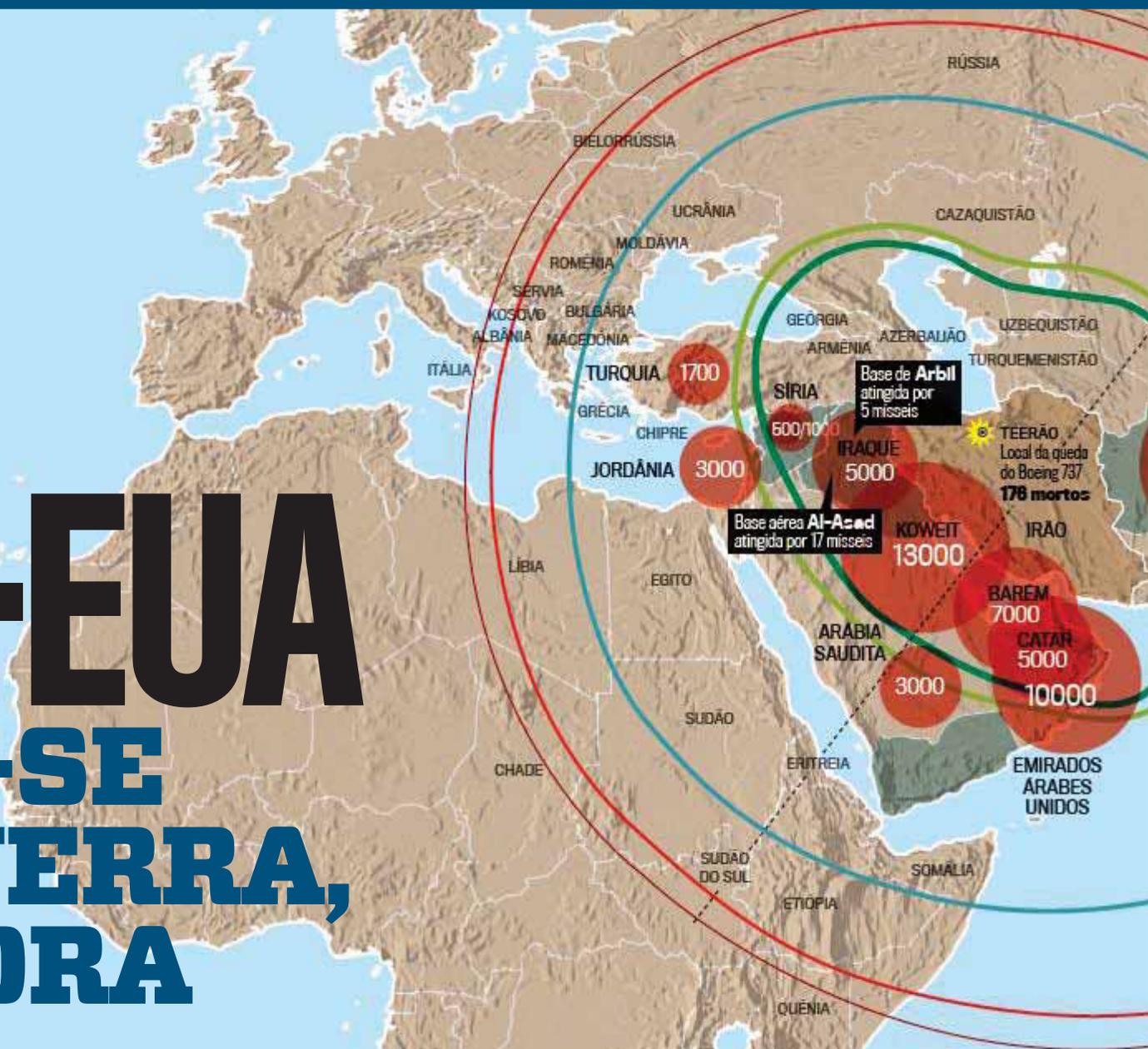


Internacional

IRÃO-EUA EVITOU-SE UMA GUERRA, POR AGORA

INFOGRAFIA OSCAR ROCHA



João Campos Rodrigues

joao.rodrigues@sol.pt

Nem Washington nem Teerão têm grande apetite por uma guerra, apesar de terem estado próximos disso.

O mundo assistiu aterrorizado ao lançamento de 22 mísseis iranianos contra bases norte-americanas no Iraque, a prometida «dura vingança» pelo assassinio do general Qassem Soleimani, alvo de um drone dos Estados Unidos, dias antes, perto do aeroporto de Bagdade. Durante as primeiras horas de quarta-feira esperou-se a contagem dos soldados norte-americanos mortos, que Washington atirasse as suas forças para mais uma guerra, seguindo-se a retaliação do Irão e dos seus muitos aliados no Mé-

dio Oriente, o chamado «Eixo de Resistência» (ver infografia).

«Está tudo bem!», tweetou horas depois o Presidente dos EUA, Donald Trump, pondo fim à espera. À parte de alguns danos materiais nas bases de Al-Asad e Arbil, não foram perdidas vidas. Na manhã seguinte, Trump anunciou que não daria seguimento às suas promessas, de atingir alvos «importantes para o Irão e para a cultura iraniana», no caso de um ataque de Teerão e dos seus aliados a bases norte-americanas.

Afinal, o lançamento de mísseis iranianos parece ter sido

pensado de maneira a evitar mortes, ocorrendo quando os soldados dormiam em *bunkers* de betão armado, além de que Teerão deu aviso prévio, através de Bagdade. «Caso o Irão quisesse efetivamente matar americanos teria outros alvos ao seu alcance», explica ao SOL José Tomaz Castelo Branco, professor do Instituto para Estudos Políticos da Universidade Católica, que alerta que o perigo ainda não passou. «Embora não estejamos perante uma guerra convencional, estamos, seguramente, perante uma guerra mediática», nota.

Teerão planeava salvar a face sem causar uma guerra, e tudo indica que as únicas vítimas tenham sido os 176 passageiros do voo 737, entre Kiev e Teerão, que se suspeita ter sido abatido aci-

dentalmente por mísseis iranianos, horas depois do ataque às bases norte-americanas. «Parece-me muito pouco provável que seja resultado de uma ação intencional do Estado Iraniano», salienta Castello Branco.

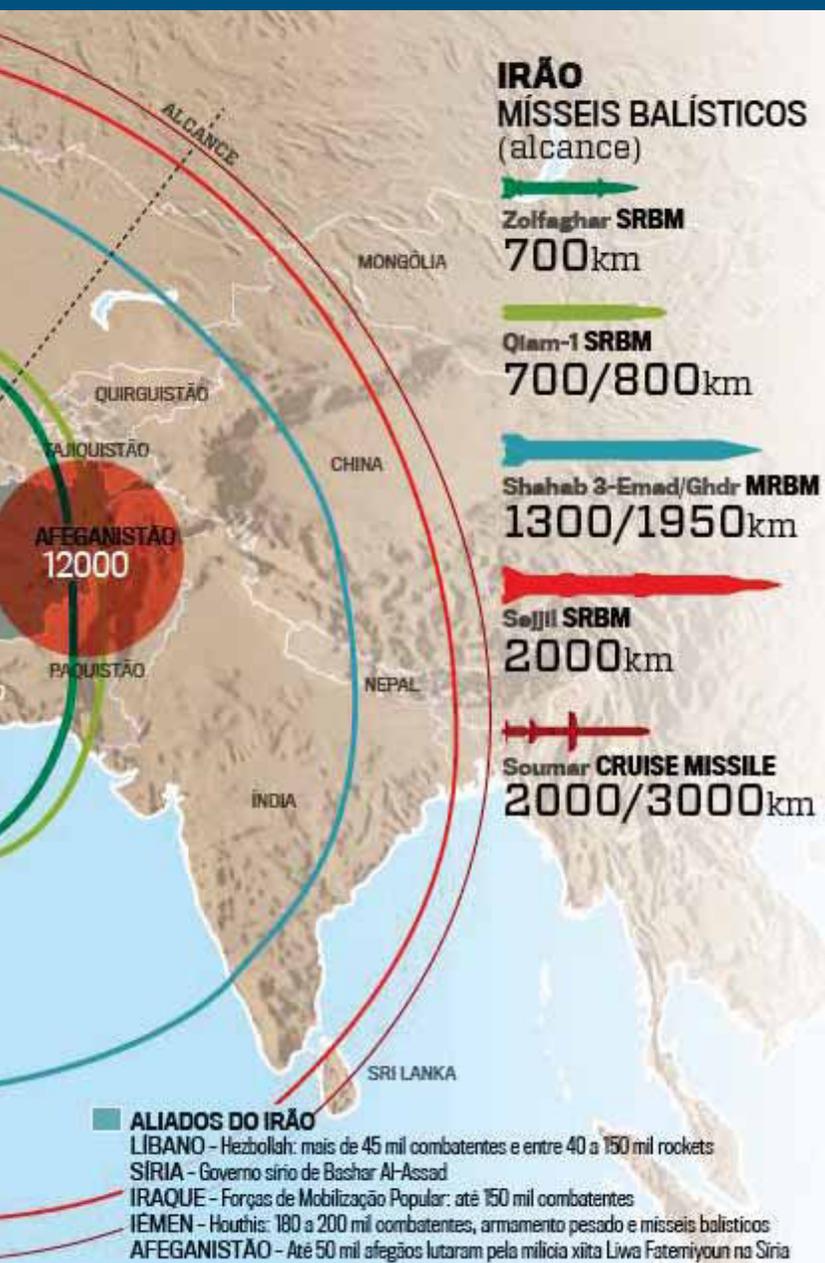
‘Dor, raiva e rancor’

Enquanto isso, na noite do ataque, muito iranianos saíram à rua por todo o país, celebrando: as televisões iranianas avançaram que cerca de 80 «terroristas» norte-americanos haviam sido mortos, acabando por desmentir. É que no Irão «há uma retórica inflamada, cheia de dor, raiva e rancor contra a história de inferência ocidental», lembra a politóloga iraniana Ghoncheh Tazmini, que está em Portugal em parceria com o

ISCTE. «É algo que está vivo e tem consumo interno».

Caso não tivesse sido desencadeada a vingança por Soleimani, «haveria uma ainda maior acumulação de ressentimento e amargura», assegura Tazmini. A ausência de resposta «não mostraria que o regime está em pé de igualdade com o que consideram ser poderes estrangeiros numa campanha de arrogância global».

Apesar da política do regime iraniano ser muitas vezes vista como monolítica, tem diversas fações que se digladiam por influência e poder. Desde os mais moderados – liderados pelo Presidente Hassan Rouhani e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Mohammad Javad Zarif – até à linha dura, encabeçada pelo Supremo Líder, o aiatola Ali



Khamenei, que costumava ter do seu lado Soleimani. Com o assassinio do general – mas já antes, desde que Trump rompeu com o acordo nuclear de 2015 – o equilíbrio passou a tender para a linha dura, garante Tazmini.

«Temos o ministro Zarif, geralmente muito diplomático, a tweetar num tom semelhante ao da linha dura», nota a politóloga. «O lado pragmático ficou com menos argumentos. Tentaram-se aproximar, negociar um acordo que foi rasgado, e agora temos este assassinio» de «um personagem reverenciado, com níveis de aprovação acima dos 70% no Irão» (ver b.i.).

De volta à guerra económica

«Enquanto o comportamento fora-da-lei do Irão continuar, vamos continuar a impor sanções», garantiu esta sexta-feira o Secretário de Estado dos EUA,

Mike Pompeo, prometendo ainda mais sanções sobre o Irão, cuja economia já está em rutura desde maio de 2018, quando Trump saiu do acordo nuclear de 2015 – que limitava o programa nuclear iraniano a troco do alívio das sanções. Teerão perdeu acesso ao sistema bancário internacional – afastando quase todo o investimento estrangeiro – enquanto as exportações de petróleo iraniano passaram dos 2,5 milhões de barris por dia para menos de 200 mil.

Algo que tem «custos pesadíssimos para a oligarquia do regime e, infelizmente, para o povo iraniano», assegura Castello Branco. O professor vê as ações de Teerão nos últimos meses – desde a apreensão de petroleiros ao alegado ataque a instalações petrolíferas sauditas – como «reações desesperadas ao sufoco económico que está a viver há mais de uma década».

Da presença militar dos EUA à ocupação do Iraque

Bagdade já não consegue fazer equilíbrio entre os seus maiores aliados, Washington e Teerão.

O primeiro-ministro iraquiano, Adil Abdul-Mahdi, tinha exigido que o seu país não se tornasse no campo de batalha de um «ajuste de contas» entre o Washington e Teerão, mas o seu desejo não se realizou. Nas últimas semanas, iraquianos anti e pró-Irão saíram à rua, os Estados Unidos bombardearam bases das milícias xiitas iraquianas, matando 25, a embaixada norte-americana foi invadida por manifestantes furiosos. O general Qassem Soleimani acabou morto por um drone dos EUA, perto do aeroporto de Bagdade, e Teerão respondeu bombardeando com mísseis balísticos as bases militares de Al-Asad e Arbil (ver texto ao lado).

Há muito que o Iraque faz equilíbrio entre os seus dois grandes aliados, o Irão e os EUA. Mas esse tornou-se um exercício impossível. «As forças americanas entraram no Iraque e drones estão a voar no seu espaço aéreo sem permissão», criticou o primeiro-ministro iraquiano. Abdul-Mahdi também condenou o lançamento de mísseis iranianos

para bases no Iraque – mas lembrou que Teerão avisou com antecedência. E já instou o secretário de Estado norte-americano, Mike Pompeo, a enviar uma delegação a Bagdade, para preparar a saída dos militares dos EUA. Abdul-Mahdi seguiu a orientação do Parlamento iraquiano, que votou a retirada das tropas norte-americanas por 170 a 0, após o assassinio de Soleimani – morto junto com Abu Mahdi al-Muhandis, líder do Kataib Hezbollah, uma influente milícia xiita iraquiana.

Já o secretário dos EUA recusou a exigência do primeiro-ministro do Iraque, sem rodeios. «Qualquer delegação enviada para o Iraque será dedicada a discutir como melhor reatar a nossa parceria estratégica – não para discutir uma retirada de tropas», disse aos jornalistas o seu porta-voz. «Uma presença militar num país terceiro só é possível com o assentimento desse mesmo país. Quando assim não for, trata-se de uma ocupação militar», assegura ao SOL José Tomaz Castello Branco, professor do Instituto para Estudos Políticos da Católica.

Deliberados e pacientes?

Os Estados Unidos parecem preparar-se para ficar no Iraque

contra vontade de Bagdade – algo que poderá resultar num escalada dos confrontos. Nos últimos dias, várias bases norte-americanas foram alvo de disparo de morteiros e mísseis Katyusha: costumam ser fornecidos pelo Irão e usados pelas milícias xiitas iraquianas, que até agora se mostraram divididas sobre como lidar com os norte-americanos.

No que toca às milícias pró-Irão, não têm dúvidas: querem vingança por Muhandis e Soleimani. Contudo, após o discurso de Trump, abdicando de uma resposta militar ao lançamento de mísseis do Irão (ver texto ao lado), o influente clérigo xiita Muqtada Al-Sadr, que liderou o Exército Mahdi, garantiu que «a crise acabou», e apelou às restantes milícias para que «sejam deliberadas, pacientes e não iniciem ações militares», num comunicado citado pelo *Middle East Eye*. Al-Sadr pediu aos restantes opositores da presença norte-americana que aguardem até que «que todos os métodos políticos, parlamentares e internacionais tenham sido esgotados» – mas pode muito bem mudar de ideias com a recusa de Washington.



Washington ignorou o primeiro-ministro iraquiano, que exigiu a retirada dos americanos